

A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS: DIÁLOGOS SOBRE AS POTENCIALIDADES DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

Ana Gláucia Seccatto¹
Flaviana Gasparotti Nunes²

Resumo: O surgimento das diversas tecnologias de produção de imagens intensificou a circulação de imagens fotográficas nos diversos veículos midiáticos. Neste contexto, as imagens fotográficas assumem fundamental importância por se fazerem presentes cada vez mais na vida da sociedade, exigindo que os indivíduos saibam a melhor maneira de lidar com elas, em outras palavras, que saibam decodificá-las e interpretá-las. Frente a esta realidade, nosso objetivo neste artigo é realizar uma discussão teórica sobre a importância que as imagens possuem atualmente na sociedade e nos processos educativos. Considera-se a escola como instituição que, atenta a significância da cultura visual na atualidade, pode promover reflexões a respeito da fotografia, que são capazes de gerar a alfabetização nesta linguagem, por meio, por exemplo, do ensino de geografia.

Palavras-chave: Imagem fotográfica; Linguagens; Mídias; Ensino de Geografia.

EDUCATION FOR IMAGES: DIALOGOS ON THE POTENTIAL OF LANGUAGE PHOTOGRAPHIC

Abstract: The emergence of a number of imaging technologies has intensified the circulation of photographic images in different media vehicles. In this context, the photographic images are of fundamental importance for increasingly making present in the life of society, requiring that individuals know the best way to deal with them, in other words, who can decode them and interpret them. Faced with this reality, our goal in this article is to perform a theoretical discussion about the importance of the images currently have in society and in the educational processes. It is considered the school as an institution that, given the significance of visual culture today, can promote reflections on photography, which are capable of generating literacy in that language, through, for example, the teaching of geography.

Keywords: Photographic image; Languages; Media; Teaching Geography.

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGGUFGD). Membro da Rede de Grupos de Pesquisa "Imagens, Geografias e Educação". E-mail: anag_seccatto@hotmail.com

² Doutora em Geografia pela UNESP/Presidente Prudente (2004). Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Líder do grupo de pesquisa "(Geo)grafias, linguagens e percursos educativos" e membro da Rede de Grupos de Pesquisa "Imagens, Geografias e Educação". E-mail: flaviananunes@ufgd.edu.br

Introdução

Diante de um mundo cada vez mais visual, as imagens fotográficas vêm ganhando seu espaço como uma linguagem comunicativa capaz de transmitir mensagens e construir ideias. Para aprender a entender e ler o mundo contemporâneo é fundamental o desenvolvimento de habilidades para compreender as diversas linguagens existentes, dentre elas a fotográfica.

As imagens fotográficas possibilitam o desenvolvimento de noções e conceitos sobre o espaço geográfico, tornando-se de fundamental importância no processo de comunicação e produção do conhecimento da ciência geográfica. A fotografia quando utilizada como linguagem no ensino de Geografia possibilita o enriquecimento das aulas por meio do desenvolvimento de habilidades e raciocínios potencializadores no processo de ensino/aprendizagem.

As imagens fotográficas vêm assumindo maior importância na sociedade contemporânea e com os avanços tecnológicos são veiculadas com grande velocidade pelas mídias eletrônicas e podem reproduzir conceitos e preconceitos sobre os mais vários temas. Nesse sentido, é necessário que as pessoas estejam atentas para não serem reprodutores de ideologias, pois com a grande velocidade de veiculação de informações frequentemente utilizam-se das imagens fotográficas para manipular a opinião pública, podendo exercer o papel de alienação nos indivíduos.

A globalização traz o bombardeamento de informações de imagens no cotidiano da sociedade; assuntos relacionados à violência e criminalidade parecem ter cada vez mais destaque nas páginas dos veículos de comunicação, constituindo um “círculo vicioso” na medida em que ao tratarem dos fatos de violência acabam reproduzindo práticas de tratar do fato a partir do ato violento em si, desconsiderando as causas e o contexto no qual se deram. A mídia contemporânea utiliza-se do sensacionalismo ao relatar os casos de criminalidade, marginalidade e de violência, explorando

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

esses casos em busca de audiência e maior quantidade de acessos, no caso dos *sites*.

Diante desta realidade, destacamos que o ensino de Geografia deve propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências para que os mesmos interpretem as linguagens imagéticas cotidianamente veiculadas pelas mídias. A esse respeito, ressaltamos que:

A utilização da fotografia deve ser uma prática constante no ensino de Geografia, podendo desenvolver-se a partir daquelas contidas nos livros didáticos, ou aquelas presentes em notícias de jornais ou revistas, buscando desenvolver habilidades críticas de análise e observação dos alunos. O educador deve estabelecer a base de articulação das fotografias com os conceitos geográficos, propondo aos alunos um exercício de interpretação das imagens, buscando desenvolver ações e capacidades que permitam e contribuam para a discussão e o entendimento do tema proposto.³

Assim, entendemos que a linguagem fotográfica potencializa as aprendizagens dos alunos na medida em que possibilita o desenvolvimento de habilidades próprias do processo de alfabetização geográfica, como a observação, descrição e análise, relacionando os conteúdos estudados com experiências e vivências do seu cotidiano e construindo assim, aprendizagens significativas. Frente a este contexto, o intuito deste artigo⁴ é refletir sobre a importância que a imagem fotográfica vem assumindo na sociedade contemporânea, com suas características comunicativas e potenciais no desenvolvimento da compreensão do mundo, destacando a

³ SECCATTO, A. G. ; NUNES, F. G. . *A linguagem fotográfica no ensino de Geografia: considerações a partir de práticas docentes no Ensino Médio*. In: Jussara Fraga Portugal; Simone Santos de Oliveira; Tânia Regina Silva Dias Pereira. (Org.). (Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas. 1ed. Curitiba: CRV, v. 1, 2013. p. 337-356/p. 340.

⁴ O presente texto traz algumas reflexões oriundas da dissertação de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2015. Trabalho desenvolvido sob a orientação da coautora deste texto.

necessidade de haver a alfabetização e letramento visual dos sujeitos, para estarem aptos a ler a imagem fotográfica de maneira mais questionadora.

Educação e cultura visual na atualidade

Há muitas pessoas de visão perfeita que nada vêem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido.⁵

Iniciarmos uma reflexão a partir da epígrafe acima de Rubem Alves propõe refletirmos que não basta não ser cego para ver, pois de acordo com o autor há muitas pessoas sem nenhum problema de visão, mas que mesmo assim, nada vêem. Isto porque, a habilidade de ver expressa por Alves não está relacionada ao órgão de sentido da visão explicitamente, mas sim aquela visão que nos leva a entender o sentido da imagem, a mensagem que está por trás dela, “não basta ver por ver” tem que se compreender a produção comunicativa da imagem e essa não é uma característica natural do ser humano é uma habilidade que necessita ser aprendida e exercitada para que passe a fazer parte do dia a dia dos indivíduos.

Relacionar o discurso de Alves, que o ato de ver precisa ser apreendido, com as fases de alfabetização é dizer que as duas ocorrem em processos parecidos, ou seja, a alfabetização da escrita começa pelo reconhecimento das letras, das formas e da formação das palavras tudo com o intuito da aprendizagem e do domínio dos códigos da linguagem. Da mesma forma, deve ocorrer com a alfabetização imagética: o reconhecimento das formas, das cores e o entendimento de como os elementos das imagens constroem sentidos, decodificando os códigos visuais são fundamentais para a compreensão da linguagem imagética.

Nesse sentido, em concordância com Acaso⁶ as imagens “são representações que precisam ser consideradas também a partir da sua

⁵ ALVES, Rubem. *A Complicada Arte de Ver*. Texto originalmente publicado no caderno “Sinapse”, jornal “Folha de S. Paulo”, em 26/10/2004. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml> > Acesso em: 22/02/2014.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

função geradora de conhecimento, isto é, capazes de modificar nossa maneira de pensar e ver o mundo”, assim, ao sermos alfabetizados também na linguagem imagética compreenderemos a realidade a nossa volta, utilizando as potencialidades que a imagem tem no processo de construção do conhecimento e do entendimento do mundo ao nosso redor.

A presença da linguagem imagética no mundo é muito mais antiga do que a própria presença da escrita, pois desde os primórdios da civilização o homem já se utilizava das imagens como um meio de comunicação por meio das pinturas nas cavernas, as chamadas pinturas rupestres. De acordo com Lima⁷.

Sabe-se que uma das primeiras formas de comunicação do homem se deu através das pinturas e desenhos feitos nas cavernas. Até hoje estas imagens são utilizadas para investigar como era a vida na Pré-História. Por milhares de anos o homem vem contando sua história por meio das imagens; o que produziu e o que mudou ao longo dos séculos foi a tecnologia utilizada para a confecção destas imagens, principalmente com a descoberta da fotografia e de outros meios como o cinema e o computador.

Neste contexto, é importante salientarmos em concordância com Lima, que as imagens não tinham tanta importância nas sociedades pré-modernas, pois não havia tanta divulgação delas como temos nos dias de hoje. Tal fato é caracterizado principalmente, pelos meios de comunicação em massa, que permitem na atualidade a junção entre o visual e o textual. Fato que fica explícito diante das várias pesquisas e trabalhos acadêmicos que surgiram em torno dos estudos das imagens como instrumento comunicativo, mostrando que essa junção é possível.

A sociedade é cada vez mais visual; cotidianamente nos deparamos com uma grande quantidade de imagens em circulação. O advento da

⁶ ACASO, María. La diferencia entre ver y leer. In: *Esto no son las torres gemelas: como aprender a leer la televisión y otras imágenes*. Madrid: Catarata, 2006, p. 89-91.

⁷ LIMA, Cristiane Rodrigues de. *O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual*. Cadernos PDE, Vol. II. Curitiba, 2008. p. 03.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

globalização aumentou consideravelmente o número e a difusão dessas imagens, devido o surgimento de novos instrumentos de produção das imagens, como modernas câmeras fotográficas, aparelhos de edição e também dos meios por onde elas se propagam, como as televisões, a internet, os meios impressos e entre outros. Esses meios estão transmitindo comunicação por meio de imagens, pois elas como outras linguagens são transmissoras de comunicação e nos permitem ver, compreender e extrair delas mensagens e interpretações como afirma Silva:

Vivemos numa sociedade com intensas transformações tecnológicas na qual uma avalanche de imagens tem atravessado o espaço social e onde o espetáculo exerce uma influência considerável nas relações sociais. Por todos os lugares que andamos, encontramos estímulos visuais que formam sentidos e criam significados.⁸

Levando em consideração essa premissa e a percepção de que é cada vez maior a circulação de imagens na sociedade contemporânea, sendo elas dotadas de capacidades comunicativas, repletas de sentido e criadoras de significados, torna-se visível a sua contribuição no entendimento do mundo a nossa volta, sendo notável o estímulo que muitos pesquisadores tiveram para se dedicar a estudar a linguagem imagética e descobrir as potencialidades que elas carregam consigo.

No campo acadêmico as pesquisas avançam em um caminho de estudos sobre a linguagem imagética que não se resumem ao tratamento delas como sendo meras ilustrações; os pesquisadores estão buscando explorar as suas potencialidades e contribuições para pensar e compreender o mundo. Dentre muitos trabalhos sobre as linguagens imagéticas, percebemos uma corrente de autores que atribuem esta marcante presença das imagens como sendo uma “cultura visual”, o que de acordo com Lima⁹ vem sendo utilizado para estudar e entender o mundo

⁸ SILVA, Edlene. *O cinema na sala de aula: imagens da Idade Média no filme Cruzada de Ridley Scott*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011. p. 01.

⁹ LIMA, Cristiane Rodrigues de. *O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual*. Cadernos PDE, Vol. II. Curitiba, 2008.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

contemporâneo que se encontra cada vez mais influenciado e construído pelas imagens.

Frente a este contexto, cabe-nos aqui entendermos mais sobre o que seria essa cultura visual para podermos seguir em nossa reflexão sobre a linguagem imagética. De acordo com Aguirre¹⁰ foi Mitchell (2003) que definiu o que seria cultura visual como sendo “o estudo que abarca tanto as representações visuais que as constituem, como a forma na qual são vistas”¹¹. Nesse sentido, percebemos que a cultura visual é então, um conjunto de processos e práticas cotidianas de olhar, de observar e retirar significações das imagens, porque este exercício visual não acontece de modo isolado, mas sim através de um conjunto entrelaçado de práticas, experiências e percepções a partir do olhar e do observar as imagens. Para Tourinho:

A cultura visual é um campo de estudo emergente e transdisciplinar que se fundamenta no princípio de que as práticas do ver são construídas social e culturalmente. Considerando o alargamento, a vitalidade e a pregnância dessas práticas, a cultura visual discute impactos e implicações das experiências de ver e ser visto na contemporaneidade.¹²

Tourinho complementa o pensamento de Mitchell, relatando que a cultura visual se fundamenta nas práticas de ver e que essas práticas são construídas social e culturalmente, sendo transformadas então com o tempo; as práticas de ver do passado não são as mesmas que na contemporaneidade, isto porque o ato de ver e compreender o que é visto é feito por meio de experiências que os sujeitos carregam consigo e com certeza a cada época e cada sujeito terá experiências diferenciadas.

¹⁰ AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO; Irene. (Org). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: UFSM, 2011. p.69-111.

¹¹ Idem, p.74.

¹² TOURINHO, Irene. As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso? *Cultura Visual e escola*. Ano XXI Boletim 09 – ago. 2011.p.11.

Hernández¹³ também contribui com essa ideia sobre cultura visual; para ele, a leitura das imagens possibilita-nos pensar o mundo e pensar a nós mesmos como sujeitos atuantes neste mundo.

Isso significa considerar que as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos. Em suma, fixam a realidade de como olhar e nos efeitos que têm em cada um ao ser visto por essas imagens.¹⁴

Portanto, Hernández propõe que devemos refletir sobre os feitos das imagens nos sujeitos visualizadores e essa reflexão dá-se por meio dos estudos da cultura visual que permite um campo de reflexão e indagação dessas imagens que não se limita apenas no ver por ver, mas pensar as imagens de forma que construam significados sobre nossa realidade e que ajude os próprios sujeitos a verem e serem vistos por meios dessas imagens, como nos relatam Tourinho & Martins:

A cultura visual não deve ser definida e caracterizada como um repertório imagético, mas como uma maneira de pensar e abordar imagens e artefatos que constituem sentidos e significados para e com esse mundo cultural-eletrônico-digital. Em síntese, usando as palavras de Brea (apud López, 2006, p.3), a cultura visual é um campo de indagação reflexiva que permite diferentes entradas sobre o visual e que não se limite exclusivamente a análise do “artístico”, mas que o compreende dentro de uma série de dinâmicas culturais muito mais amplas.¹⁵

Neste contexto, a presença inquestionável da imagem na sociedade contemporânea e sua relevância na constituição da compreensão trazem à tona uma necessidade gritante para os indivíduos, a necessidade de modificação do ato de olhar e ler a imagem, pois é a leitura e a interpretação da imagem que a torna viva e real a sua existência como um texto produtor de sentidos. Para Joly:

¹³ HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO; Irene. (Org). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: UFSM, 2011. p.31-49.

¹⁴ Idem, p.33.

¹⁵ TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstancias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: UFSM, 2011. p.51-68/p.57.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

Somos consumidores de imagens; daí a necessidade de compreendermos a maneira como a imagem comunica e transmite as suas mensagens; de fato, não podemos ficar indiferentes a uma das ferramentas que mais dominam a comunicação contemporânea.¹⁶

Complementando essa ideia, podemos dizer que a facilidade com que as imagens são produzidas e que invadem nosso cotidiano tornando-se a linguagem que mais domina a comunicação em nossa sociedade, é notável a necessidade de buscarmos maneiras de desenvolver habilidades para compreender as mensagens que elas nos transmitem.

Nossos olhos estão o tempo todo recebendo informações por meio de imagens. O que contribui para a necessidade da alfabetização visual, pois, em alguns casos não é necessário que haja a escrita para que possamos nos comunicar, mas torna-se imprescindível que sejamos capazes de ler e interpretar a mensagem da imagem para haver comunicação.¹⁷

Diante do exposto, fica evidente a necessidade da alfabetização visual nos dias atuais, tendo em vista a saturação de imagens presentes na sociedade. Tal fato nos permite fazer um gancho com a epígrafe de Rubem Alves que deu início à nossa reflexão, a qual fala que o ato de ver tem que ser aprendido, pois não é uma habilidade natural que nasce com o ser humano. Todos nós quando nascemos com a visão perfeita somos capazes de enxergar tudo o que está à nossa volta, mas, mesmo assim precisamos aprender a ver, a decifrar e interpretar a linguagem imagética para não sermos “analfabetos visuais”. Essa alfabetização para muitos pesquisadores se dá pela reeducação do olhar e nessa direção seguem muitos autores como Silva¹⁸ que afirma que “uma das formas de estimular o olhar é através

¹⁶ JOLY, Martine (1994). *Introdução á análise da imagem*. Lisboa, Ed.70, 2007 – Digitalizado por SOUZA, R. p. 01.

¹⁷ TONI, Magda Simone de.; MARTINS, Maria Elisabete. *Leitura de imagem no processo de alfabetização*. SEMED/CEFOP. Campo Grande, 2011. p.1.

¹⁸ SILVA, Maria Cunha. *A importância da alfabetização visual no mundo contemporâneo*. 2010. 61 f. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em Educação) – Universidade Cândido Mendes. Belo Horizonte. p. 11.

da reeducação visual. Reeducar porque, desde que nascemos, pertencemos a uma cultura que não valoriza esta reflexão das imagens”.

Por muito tempo as imagens foram vistas como ilustrações dos textos verbais e não se explorava seu potencial de comunicação. Só mais recentemente essa visão vem sendo mudada e as imagens estão sendo exploradas como portadoras de sentido e comunicativas. Carneiro¹⁹ contribui bastante em nossa reflexão sobre reeducar o olhar, pois de acordo com a autora é preciso ensinar a olhar sobre o que se vê, sobre a importância ou não do que é apresentado, sua pertinência e validade, sendo necessária uma reflexão e desenvolvimento do senso crítico. E assim, contribuir para a formação política, porque incentivar a reflexão é formar cidadãos participativos e críticos que saibam utilizar da democracia e usufruir dela. O olhar é o resultado de nossa leitura sobre o mundo e aprendemos a olhar olhando e indagando e pensando sobre nosso próprio olhar.

A educação do olhar torna-se oportuna diante do agravamento da crise de valores que atinge o âmago da sociedade. É preciso se ensinar a olhar sobre o que se vê ou sobre o que se apresenta, pois o olhar deve ser exposto, discutido e até modificado. Aprendemos a olhar olhando e refletindo sobre o nosso olhar.²⁰

É importante salientar que Carneiro aponta que é preciso olhar detalhadamente, o olhar de percepção, de curiosidade e que de acordo com ela, não fomos educados para isto, ao contrário, nossos olhos foram vendados, neles foram depositadas muitas informações que foram se cristalizando e provocando cegueira, ou em outras palavras, o nosso olhar se cristaliza naquilo que queremos ver, olhar esse que é impregnado de estereótipos e dessa maneira, não nos dá a possibilidade de ver o diferente, de visualizar a imagem de maneira diferente dos outros, desenraizando os pré-conceitos adquiridos ao longo de nossas vivências. Uma pessoa alfabetizada visualmente é capaz de ver além do que está em primeiro

¹⁹ CARNEIRO, Maria Cristina C. de A. Cidadania: a educação do olhar. Rev. *Educação do Cogeime*. Ano 14 – n. 27 –dez. 2005.

²⁰ Idem, p.33.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

plano, entendendo a complexidade envolvida e expressa na imagem, dialogando e revelando os sentidos da imagem.

O ser humano é dotado de capacidades que lhe permitem interagir com o mundo, dentre essas capacidades na percepção de Bemfica & Azevedo²¹ a visão é mais plena quando se contemplada com o sentido interior da imaginação, pois para os autores ao valorizar o olhar como símbolo de reflexão representa um aspecto fundamental para a fruição, na apreensão tanto do expectador como do leitor, sem culminar numa percepção ou leitura imediata. E assim, “conforme vai ocorrendo o amadurecimento é possível que essas pessoas consigam sentir, perceber, discernir, interpretar, refletir e as reflexões feitas sob um novo olhar vão modificando a visão de mundo”.²²

Nesta mesma linha de pensamento sobre as necessidades de aprender a ver e de desenvolver habilidades potenciais no ato de ver e entender as linguagens visuais segue Gombrich²³ que relata que “para ver, é necessário antes, aprender a ver. O aprendizado acontece por meio de um “infinito retrocesso”, a explicação de uma coisa em termos de uma outra anterior”. Deste modo, para Gombrich as interpretações acontecem por meio de assimilações, buscamos sentido nas imagens através de vivências e experiências próprias; podemos definir, em síntese, que a alfabetização visual é o desenvolvimento de habilidades e percepções para observar e entender os significados que as imagens carregam.

Em concordância com Silva,²⁴ os sujeitos fixam representações sobre si mesmos, sobre o mundo e sobre os modos de pensar a partir das

²¹ BEMFICA, Vera Teresa Sperotto. AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. *A educação estética ambiental do olhar e do escutar: do estranhamento à criação*. Revbea, Rio Grande, 2012.

²² Idem, p.54.

²³ GOMBRICH *apud* LIMA, Cristiane Rodrigues de. *O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual*. Cadernos PDE, Vol. II. Curitiba, 2008. p.6.

²⁴ SILVA, Maria Cunha. *A importância da alfabetização visual no mundo contemporâneo*. 2010. 61 f. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em Educação) – Universidade Cândido Mendes. Belo Horizonte.

reflexões tidas por meio da linguagem imagética. Para Hernández,²⁵ “a importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos e contribuir para a produção de mundos”.

Ainda neste contexto, Silva aponta que:

A compreensão da cultura visual significa reconhecer que vivemos cercados de uma extraordinária variedade de imagens. Aproximando-se delas, temos a oportunidade de estudar a capacidade das culturas para produzi-las no passado e no presente, conhecer seus significados, e como estas imagens afetam nossa percepção sobre nós mesmos e sobre o universo visual em que estamos.²⁶

Partindo desta premissa, a partir do momento em que encaramos que vivemos em uma sociedade visual, iremos caminhar em busca de expandir nossos pensamentos sobre a linguagem imagética; não iremos apenas ver a imagem por ver, mas buscaremos estabelecer diálogos e compreensões de como olhamos e somos afetados por essa linguagem imagética e o que essa representação contribui para a construção da identidade de cada visualizador e a sua forma de ver o mundo. Isto porque, a interpretação da imagem não levando em consideração esse campo, não fará sentido para o indivíduo.

Nesse sentido, quando o potencial da imagem como instrumento de comunicação foi percebido pelo homem, elas deixaram de ter um papel secundário de entendimento dos fatores que os rodeiam. A esse respeito, Lima afirma que:

Na medida em que o homem evoluiu entende-se que as imagens fazem parte do mundo e também de determinados contextos culturais, sendo assim as diferentes maneiras de interpretá-lo a partir de diversos pontos de vista são também formas de construirmos imagens mentais. Portanto as imagens passaram a ser narrativa do mundo, estabelecendo diálogos com “o mundo e não serem apenas representações dele”.²⁷

²⁵ HERNÁNDEZ *apud* SILVA, Maria Cunha. *A importância da alfabetização visual no mundo contemporâneo*. 2010. 61 f. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em Educação) – Universidade Cândido Mendes. Belo Horizonte, p. 13.

²⁶ *Idem*, p.13.

²⁷ CAMARGO *apud* LIMA, Cristiane Rodrigues de. *O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual*. Cadernos PDE, Vol. II. Curitiba, 2008. p.3.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

Desta forma, as imagens passaram a ser utilizadas como possibilitadoras de diálogos com o mundo e não apenas como mera representação ilustrativa dele. Frente a estas reflexões, não resta dúvida de que precisamos ser alfabetizados para a leitura das imagens, desenvolvendo métodos e estratégias de compreensão da cultura visual. Atribuímos as nossas reflexões às contribuições de Nunes²⁸ sobre letramento visual; de acordo com Nunes, é no hábito do exercício da leitura da imagem que se dá o letramento visual e esse letramento visual refere-se a:

Um grupo de competências visuais que um ser humano pode desenvolver por meio da visão e ao mesmo tempo vivenciando e integrando outras experiências sensoriais. O desenvolvimento dessas competências é fundamental para a capacidade natural de aprendizagem humana. Quando desenvolvidas, elas possibilitam que uma pessoa visualmente letrada discrimine e interprete as ações visuais, objetos, símbolos, naturais ou constituídos pelo homem, que se encontrem no mundo que a cerca. Por meio do uso criativo dessas competências, essa pessoa torna-se capaz de se comunicar com outras. Por meio do uso apreciativo dessas competências, ela torna-se capaz de compreender fruitivamente as obras da comunicação visual.²⁹

O desenvolvimento de competências e habilidades é fundamental para as aprendizagens humanas, para a prática da leitura visual não seria diferente. É fundamental que o indivíduo tenha esse desenvolvimento para compreender os significados e sentidos que constituem a imagem e essas competências e habilidades são adquiridas a partir do exercício da leitura da linguagem imagética, que se inicia com o processo de um simples olhar em busca de seu entendimento e decodificação. Nunes sintetiza como ocorre o processo da leitura da imagem relatando que:

²⁸ NUNES, Marília Forgearini. *Livro de imagem: possibilidades de educação do olhar. Anais do IX Seminários de Pesquisas em Educação da Região Sul - ANPEDSUL*. Caxias do Sul, 2012.

²⁹ DEBES *apud* NUNES, Marília Forgearini. *Livro de imagem: possibilidades de educação do olhar. Anais do IX Seminários de Pesquisas em Educação da Região Sul - ANPEDSUL*. Caxias do Sul, 2012, p. 5.

Primeiro olhamos, somos capturados pelo que vemos, para então nos deixarmos apreender pelo texto e suas qualidades sensíveis as quais procuramos identificar de modo a compreendê-las e sermos capazes de com elas produzirmos sentido para aquilo que ao final estamos lendo. O processo da leitura da imagem, portanto, inicia com um simples olhar e busca a complexificação do ver que lê a imagem, compreende o seu modo de constituição e produz sentido.³⁰

Ao compreender que a prática do educar o olhar não se limite em dizer o que vê, mas em buscar sentido e entender o que se vê, a partir de referências e habilidades próprias é caminhar em direção do letramento visual. Para Nunes, na medida em que o sujeito tomar consciência de como as formas de expressões gráficas e plásticas fazem parte do espaço gráfico da imagem, agindo e interagindo com suas cores e formas, ele estará desenvolvendo habilidades para ler o texto imagético produzindo e percebendo os sentidos dessas leituras. Assumir essa posição de ver a imagem como promotora de significados, levando em consideração os elementos e as ferramentas que as constroem, permite-nos perceber os componentes que nos ajudam a compreender o texto imagético. Assim, Nunes ressalta que:

Em outras palavras, trata-se de reconhecer os componentes sensíveis que nos permitem ver o texto imagético: tamanho, formato, forma, cor, textura, composição, enfim, tudo que constitui e estabelece relação na imagem, possibilitando a sua capacidade comunicativa e, não apenas, ornamental. O letramento visual, portanto, passa por uma prática que não exige a produção de uma imagem valendo-se das ferramentas da linguagem plástica, mas sim a percepção sensível desses elementos plásticos de modo que se compreendam as suas possibilidades produtoras de sentido na constituição de uma imagem.³¹

Nesta perspectiva, é fundamental que o indivíduo leve em consideração as formas, cores e texturas que foram utilizadas na produção para compreender como esses elementos produzem sentido na constituição dessa imagem, não levando em consideração apenas as suas características

³⁰ Idem, p. 8.

³¹ DEBES *apud* NUNES, Marília Forgearini. *Livro de imagem: possibilidades de educação do olhar. Anais do IX Seminários de Pesquisas em Educação da Região Sul - ANPEDSUL. Caxias do Sul, 2012, p. 4.*

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

estéticas, mas interagindo com elas e compreendendo que as imagens carregam consigo expressões comunicativas e o entendimento destas expressões depende da reflexão e interação com o observador.

É válido destacar, a importância da alfabetização visual para a compreensão e decodificação da linguagem fotográfica, tendo em vista que ela é tida como a verdadeira reprodução da realidade e sem saber ler a imagem fotográfica, os indivíduos muitas vezes, acabam disseminando e reproduzindo estereótipos, pois as imagens também comunicam informações e são utilizadas ideologicamente tanto para o bem quanto para ao mal, fazendo-se necessário a sua decodificação e entendimento. Neste sentido, salientamos que atualmente não basta somente o domínio da leitura da palavra, mas também o domínio da leitura imagética.

A fotografia e suas potencialidades na educação do olhar

Na contemporaneidade a difusão da fotografia é praticamente instantânea; ela faz parte do cotidiano da maioria da população mundial, estando sempre ao alcance dos olhos e das mãos através da publicação simultânea nos diversos meios de comunicação, seja *online* ou impressos.

As temáticas que envolvem as potencialidades da linguagem imagética, em especial a fotográfica, estão ganhando cada vez mais notoriedade na sociedade como uma linguagem repleta de conteúdos significativos para a compreensão do mundo.

A história da fotografia, de acordo com Maya³² está ligada à busca do homem em eternizar os momentos da vida, ou seja, congelar o tempo por meio de representações.

As fotografias do passado ou objetos-imagens se tornaram documentos visuais para a ciência e a arte, representando um testemunho material da atuação do fotógrafo, como

³² MAYA, Eduardo Ewald. *Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem*. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.5, p.103-129, jul./dez. 2008.

indivíduo e componente de uma sociedade. Assim, o passado aparece como um composto de imagens fotográficas, na forma de lembranças, guardando a realidade. O observador percebe a presença fixa de uma realidade que se foi, e só existe, no presente, como um simulacro.³³

Notamos, que a fotografia propicia ao observador uma viagem ao passado, com representações eternizadas em suas imagens; elas se apresentam como documentos visuais possibilitando aos sujeitos a visualização de realidades de uma época que já não existe mais, portanto, a fotografia é uma fonte histórica.³⁴

Apesar de ter surgido no século XIX, a fotografia começou a ser inventada ainda na Antiguidade. Quando se descobriu o princípio mais importante para a sua invenção e o princípio básico das câmeras fotográficas, o advento da câmara escura³⁵, a fotografia não tem apenas um inventor, pois ela é a composição de várias observações e invenções que aconteceram em momentos distintos.³⁶

De acordo com Maya, os primeiros registros da invenção fotográfica surgiram na França em 1839 e em seguida na Inglaterra e foram os avanços tecnológicos que criaram espaços para a inserção de novos estudos e pesquisas e que permitiram que o francês Louis Daguerre e o inglês Henry Talbot, desenvolvessem estudos em busca de deter as imagens de objetos nos materiais fotossensíveis dentro da câmara escura.

A fotografia inaugurou o processo da produção de imagens fotoquímicas, rompendo com as tradições pictóricas do desenho, da pintura e da gravura, também chamadas pré-fotográficas, pela maneira de olhar, de entender a obra de arte e o mundo. Determinou, assim, um novo código visual, a

³³ Idem, p. 107.

³⁴ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

³⁵ Esta câmara era um quarto estanque à luz, possuía um orifício de um lado e a parede à sua frente pintada de branco. Quando um objeto era posto diante do orifício, do lado de fora do compartimento, a sua imagem era projetada invertida sobre a parede branca. (FREEMAN, 1988, p.2)

³⁶ FREEMAN, Michael. *A Câmara escura: o principio da fotografia*. In: Novo Manual de Fotografia. Editorial Presença, Lisboa-Portugal 1988.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

partir do momento em que passou a ser vista como objeto antropológicamente novo.³⁷

Nesta linha, Maya salienta que a imagem artesanal foi aos poucos sendo substituída pela imagem fotográfica, concretizando que a nova invenção veio para ficar e desde então, após o surgimento da fotografia, a cada dia que passa surgem mais e mais equipamentos de produção de imagens fotográficas, tornando-as popularizadas nas diversas camadas sociais: “a fotografia representou um novo e importante salto em termos de multiplicação e difusão da informação, além de abrir novos campos nas representações visuais”.³⁸

No início, logo após a sua invenção, a imagem fotográfica era utilizada com um intuito de perpetuar a imagem do homem ao longo do tempo, o que já era feito através dos costumes de eternizar paisagens e retratos de famílias pela linguagem pictórica, só que com um diferencial, agora esses retratos passaram a ter um grau a mais de realidade através das fotografias.

A análise dos primeiros ensaios fotográficos mostrou que, desde o início, esse novo invento se pautou, sobretudo, num repertório derivado da tradição pictórica (retratos, paisagens, naturezas-mortas). Assim, o retrato fotográfico, que, sob diferentes sistemas e segundo a tecnologia de cada época, já havia então se tornado uma necessidade, mostrou ao homem uma nova possibilidade de perpetuação de sua própria imagem.³⁹

De acordo com Maya, a fotografia passou a ter uma nova função social quando transformou em imagem o que a sociedade vivia, registrando os acontecimentos e momentos que só existiam até então na lembrança; fotografar se tornou moda em todos os momentos da vida, proporcionando o surgimento dos álbuns fotográficos.

³⁷ MAYA, Eduardo Ewald. *Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem*. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.5, p.103-129, jul./dez. 2008.p. 104.

³⁸ MAYA, Eduardo Ewald. *Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem*. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.5, p.103-129, jul./dez. 2008.p. 104.

³⁹ Idem, p. 108.

Com o passar do tempo e ao se perceber nas fotografias a capacidade e o potencial de disseminar informações, as imagens fotográficas foram sendo utilizadas para dar maior visibilidade às notícias veiculadas nos jornais e revistas. A introdução dessa linguagem nos meios de informação despertou a atenção dos leitores que acabavam lendo a notícia, à medida que as imagens chamassem sua atenção e/ou curiosidade. Com o desenvolvimento das tecnologias e a criação e adventos de produção e reprodução de imagens fotográficas, os meios de comunicação passaram a se utilizar cada vez mais dessa linguagem e hoje quase não vemos uma notícia onde quer que seja que não tenha acompanhada a ela uma imagem fotográfica.

Tendo realizado essa revisão bibliográfica sobre o surgimento da fotografia, podemos então, refletir sobre a importância da linguagem fotográfica na atualidade nos perguntando o que seria dos livros, revistas, jornais, propagandas e a publicidade em geral sem a presença da linguagem fotográfica? Percebemos que seriam muito monótonos, pois compartilhamos da ideia do ditado popular “uma imagem vale mais que mil palavras” e em muitos casos ela nos revela até mais do que o próprio texto verbal. E em outros campos, como o da ciência, a imagem fotográfica faria uma falta enorme, pois quase todos os campos de estudos científicos recorrem à fotografia como apoio a suas pesquisas e investigação empírica. Diante deste contexto, percebemos que a fotografia se faz presente em quase todas as atividades do homem, sendo consumidor ou produtor delas, o homem está em constante contato com elas.

Cabe ressaltar que as fotografias desde o seu surgimento até nos dias atuais onde quer que apareçam, apresentam-se como uma representação de algo realmente existente e é aceita e utilizada como “prova definitiva, “testemunho da verdade” do fato ou dos fatos”.⁴⁰ Em outras palavras, podemos dizer que as fotografias são aceitas como a pura reprodução da

⁴⁰ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002. p. 19.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

realidade, sempre se tem nelas uma grande credibilidade conforme nos aponta Kossoy:

Graças a sua natureza fisicoquímica e hoje eletrônica de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes fatos se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade. Se, por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos.⁴¹

O autor salienta que a fotografia tem o *status* de credibilidade junto às pessoas e se de um lado registra e eterniza diversas atividades humanas, do outro lado é utilizada para os diferentes fins e interesses. Para Kossoy é devido ao alto grau de confiança que a sociedade tem nas imagens fotográficas que acaba propiciando que elas sejam veiculadas com a intenção de manipular a opinião pública, criando e reproduzindo preconceitos, intolerâncias religiosas etc., pois com a grande velocidade da veiculação de informações, observamos que frequentemente utilizam-se das imagens fotográficas para manipular a sociedade, podendo exercer o papel de alienação nos indivíduos.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação.⁴²

Assim, percebemos a partir das contribuições de Kossoy que essa manipulação só é possível por causa da confiança que as pessoas têm nas informações contidas nas imagens fotográficas. Por se tratarem de um recorte espacial feito em um determinado momento, as fotografias

⁴¹ Idem, p. 19.

⁴² Idem, p. 20.

funcionam como uma imagem congelada do passado, seus conteúdos são aceitos como expressão da verdade.

Diante deste entendimento, Kossoy afirma que as imagens devem ser sempre consideradas como fontes históricas de abrangência multidisciplinar e que devemos sempre ver as imagens fotográficas como um ponto de partida para desvendar o passado e não como verdadeira reprodução dele; as fotografias são documentos que necessitam decifrar conceitos, atitudes e omissões pensadas, deve-se explorar o potencial documental da imagem. Deve-se também, ter em mente, que as imagens fotográficas não se esgotam em si mesmas, pois, elas são apenas o ponto de partida, para tentarmos desvendar o passado, “elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência”.⁴³

Neste sentido, o autor defende que a decifração das imagens vai além das aparências e que sua realidade interior deve ser desvendada segundo métodos adequados de análise e interpretação, pois, se não ocorrer desta forma, permaneceremos na superfície das imagens, iconografias ilustrativas sem densidade histórica. Nesta abordagem, Kossoy afirma que o potencial informativo da imagem fotográfica poderá ser alcançado conforme os seus fragmentos forem contextualizados nos múltiplos desdobramentos da trama histórica, sendo eles sociais, políticos, econômicos, culturais e entre outros, presentes no tempo e no espaço no momento do registro, “caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações “artísticas” do passado”.⁴⁴

Com base nas contribuições de Kossoy, de que é grande o teor de credibilidade que a fotografia tem junto à sociedade, devido ao entendimento de que as imagens fotográficas apresentam uma reprodução ao menos visualmente muito semelhante ao objeto fotografado, difundiu-se a

⁴³ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002, p. 21.

⁴⁴ Idem, p. 22.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

ideia de que a foto é a representação fiel do real. Neste contexto, para o referido autor, as fotografias são documentos cheios de ambiguidades e de intencionalidades, portanto, a criação da foto sempre será precedida de uma intenção do que se quer eternizar e focar, a imagem fotográfica nunca será a representação fiel do real, mas sim, uma mensagem modificada e manipulada, pois é produzida conforme interesses particulares e de limitações decorrentes dos processos de captura das imagens, que determinam o que será registrado e o que será eliminado da foto.⁴⁵

Além desses aspectos, há outros fatores que contribuem para o entendimento de que a fotografia não deve ser tratada com tanta credibilidade, pois na atualidade a velocidade com que surgem novos artefatos tecnológicos também deve ser levada em consideração no que se refere à imagem fotográfica, principalmente os relacionados à manipulação digital, facilitada pela criação e difusão de *software* e aplicativos de edição de imagem, os quais possibilitam a criação, modificação e manipulação digital dessas imagens. Essa manipulação digital pode ser observada nas imagens amplamente divulgadas por muitos veículos midiáticos, principalmente em propagandas que buscam a todo o momento passar a ideia de consumismo, utilizando das imagens para transmitir essas mensagens.

O fotógrafo motivado por objetivos sejam eles profissionais e/ou financeiros, irá buscar capturar a foto de acordo com esses interesses e nesse processo os comportamentos dos grupos sociais também serão determinantes, tendo em vista que serão esses indivíduos que irão visualizar e consumir essas imagens. Então, buscar os melhores ângulos, enquadramentos e foco, passa a ser a preocupação no momento de captura da foto.

⁴⁵ VOTRE, Marcel. *Resignificação de produtos midiáticos: a manipulação digital da imagem publicitária*. Anais do 9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Bela Vista-SP, 2013.

Os fotógrafos buscam, na cena, a melhor maneira de apresentar a marca. Quando o registro original não expressa o padrão de beleza desejado, os recursos digitais entram em ação para “corrigir as falhas naturais do objeto”. Frente a esse contexto, fotógrafos, empresas e fabricantes dos aparelhos encontram no sistema publicitário condições para experimentar, e aprimorar, as novas tecnologias de manipulação da imagem.⁴⁶

Partindo desta premissa, percebemos que na maioria das vezes, as fotografias que entramos em contato através das mídias já são o resultado de alguma manipulação, seja ela feita durante a sua criação através da busca de melhores enquadramentos e foco ou após a sua captura, feita através de softwares de edição. Os novos recursos digitais colaboraram também para o maior controle do fotógrafo sobre a foto, por exemplo: a facilidade de visualizar a foto logo após a sua captura permite ao fotógrafo excluí-la se não lhe agrada e captar outra em seu lugar. Além desta facilidade, os softwares também possibilitam a “correções” das fotos, pois quando entendido que a original não ficou de acordo com o padrão que se desejava, utiliza-se dos softwares de edição para corrigir suas falhas, dar maior foco a um aspecto ou desfocar outro, através de opções de mudar cores, nitidez, luminosidade, enquadramentos, inserir ou retirar elementos e entre outras várias opções que esses aplicativos oferecem tudo com o intuito de aprimorar a imagem de acordo com os interesses dos indivíduos.⁴⁷

Nesse sentido, o que é evidenciado na foto é exatamente o que se quer que receba maior atenção por parte dos visualizadores, a manipulação digital então, altera e modifica os processos de significação da imagem, atribuindo a ela novos sentidos, pautadas por intencionalidades e ambiguidades que envolvem todas as etapas do seu processo de produção.

Frente a essas discussões e das constatações de que é inegável a imensa gama de imagens presentes em nosso dia a dia, percebemos a latente necessidade de estarmos atentos a elas, para não sermos

⁴⁶ CARDOSO, João Batista Freitas. *Fotografia, Realismo e Ética: A Manipulação Digital no Jornalismo e na Publicidade*. *Cuad.inf.* [online]. 2013, n.33, pp. 133 144. ISSN 0719-367X. p. 150.

⁴⁷ *Idem*, p.150.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

reprodutores de ideologias. Diante deste contexto, podemos nos questionar: como entender uma imagem? Como retirar dela a mensagem visual que ela nos quer passar? Como decodificamos seus códigos e construímos significados para eles ao observarmos uma imagem? E é em busca de responder, ou de talvez de saciar, ao menos parte destas indagações, que recorreremos aos fundamentos teóricos propostos pela semiótica, ciência que ajuda a interpretar a imagem e entender como ela transmite mensagens.

Segundo Miez e Silva:

A semiótica possibilita analisar as relações entre uma coisa e seu significado. Essa ciência tem como objetivo, o estudo de diversos fenômenos que geram significações distintas, de acordo com cada momento histórico e social, ligados a todas as formas de expressão, enquanto linguagem. A semiótica está presente no nosso dia a dia, sem que necessariamente tome-se consciência disso. É base para uma série de conjecturas sobre o mundo que nos rodeia.⁴⁸

Como expõem Miez e Silva, a semiótica⁴⁹ estuda qualquer sistema sócio e para esta ciência é possível analisar semioticamente tudo o que está ao nosso redor, pois tudo possui um significado e é passível de ser interpretado.

A linguagem fotográfica, como toda expressão humana, apresenta um conteúdo semiótico; a imagem é um signo e por isso necessita ser lida, decodificada e entendida para construir sentidos ao que se visualiza. As imagens são carregadas de signos que revelam e colaboram para a compreensão de culturas e valores sociais, são fontes históricas e produtoras de conhecimentos significativos.

⁴⁸MIEZ, Juliana Jerônimo; SILVA, Teófilo Augusto da. *O texto visual e suas mensagens: semiótica e a lingüística produzindo sentido na moda étnica*. Rev. do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGÁ-UFES, ano 3, v.3, n. 5, dez/2013.p. 46.

⁴⁹ Charles Sanders Peirce é o criador da semiótica e formulador da teoria geral dos signos, e “o signo é na Semiótica o ente fundamental. Ele foi idealizado por Peirce como o elemento por meio do qual a mente de um intérprete pode conhecer, modificar ou ampliar o entendimento de algo” (MUCELIN e BELLINI, 2013, p.62). A semiótica faz parte do nosso dia a dia, e sem perceber utilizamos dela para decodificar e entender os códigos de linguagens que estamos constantemente em contato, é através dela que analisamos os fenômenos e retiramos deles informações e entendimentos sobre o mundo que nos rodeia.

A partir destas considerações, podemos complementar utilizando das contribuições de Persichetti⁵⁰ para o qual há muito tempo a semiótica tem nos ajudado a compreender as imagens e, em especial, nesta nossa abordagem, a significação das mensagens fotográficas que é culturalmente determinada. Nesse sentido, a sua recepção necessita de códigos de leitura, devemos compreender e analisar a fotografia dentro de um contexto histórico de sua criação.

Colaborando com esta ideia, Kossoy⁵¹ salienta que o nosso imaginário reage ao receber as imagens fotográficas de acordo com nossas experiências de vida, situações socioeconômicas, ideologias e pré-conceitos, sendo exatamente por isso que ela propicia leituras distintas entre os diferentes visualizadores.

O exercício de interpretação é atribuir e retirar sentido do que se analisa e a produção de sentido acontece da relação de diferentes fatores, como vivências, memórias, contexto social, cultural e histórico de cada observador. Em concordância com Joly⁵² nenhuma mensagem, seja ela qual for, pode se arrogar uma interpretação inequívoca, pois, como existem diversos tipos de imagens, existem inevitavelmente diversos tipos de interpretações.

A partir do momento em que a imagem passa a ter significado para o observador, ele consegue entender seus conteúdos e suas mensagens, essa mesma imagem poderá ser sempre relida e nesse exercício o observador poderá retirar mais e mais significantes dela, contribuindo para afirmar seu entendimento inicial ou chegando a conclusões contrárias às primeiras, levando-o a repensar suas interpretações. Baseado neste entendimento, Kossoy salienta que “é justamente nas impossibilidades que a imagem

⁵⁰ PERSICHETTI, Simonetta. Imagens da cidade contemporânea. In: COELHO, Claudio Novaes P.; DIMAS, A. Kunsch.; MENEZES, José Eugenio de O. (Org). *Estudos de comunicação contemporânea: perspectivas e trajetórias*. São Paulo: Plêiade, 2012. p. 195-206.

⁵¹ KOSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

⁵² JOLY, Martine (1994). *Introdução á análise da imagem*. Lisboa, Ed.70, 2007-Digitalizado por SOUZA, R.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

oferece a pesquisa, a descoberta e as múltiplas interpretações que reside o seu fascínio”⁵³ para o referido autor:

A realidade da fotografia não corresponde (necessariamente) a verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência. A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes “leituras” que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações.⁵⁴

Vale destacar que visualidade colabora com a compreensão e percepção do tempo histórico e as fotografias por serem carregadas de signos revelam características e representações sociais e culturais de cada época. Cabe, então, ao observador aprender a olhar, analisar e entender seus significados. “Podemos dizer a grosso modo, que a mensagem decorrente desta linguagem consiste em revelar, por meio da expressão (significante), um conteúdo (significado), como pode ser constatado na semiótica pierceana”.⁵⁵

Dando sequência ao exposto, os autores colocam que a linguagem fotográfica propicia diferentes leituras e os códigos abertos e contínuos na fotografia proporcionam à imagem a transmissão e reconhecimento de conteúdos e significados implícitos e/ou ocultos.⁵⁶ Nesse contexto, as experiências de vida e os referenciais que cada sujeito carrega consigo acabam influenciando a leitura das imagens e conseqüentemente a geração de sentidos, por esse motivo a imagem fotográfica não se esgota em leituras únicas, ela poderá ser sempre relida e reconstruída. As imagens “carregam uma significação cultural, com marcas geográficas, afetivas, religiosas etc., o

⁵³ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002. P. 143.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 38.

⁵⁵ MIEZ, Juliana Jerônimo; SILVA, Teófilo Augusto da. *O texto visual e suas mensagens: semiótica e a lingüística produzindo sentido na moda étnica*. Rev. do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES, ano 3, v.3, n. 5, dez/2013.p. 43.

⁵⁶ *Idem*, p. 43.

que permite ao leitor leituras também múltiplas e relacionamentos intertextuais infinitos”.⁵⁷

A partir destas considerações sobre a decodificação dos códigos da linguagem imagética e da percepção da marcante presença que esta linguagem tem ganhado em sua trajetória até os dias atuais, no campo acadêmico ela não iria passar por despercebida. Nota-se que a fotografia tem tornando-se objeto de estudo de vários campos da ciência, que buscam explorar o seu potencial comunicativo, capaz de estimular a criatividade e o desenvolvimento do espírito crítico dos sujeitos. Uma mesma imagem possui conteúdos e elementos icônicos que fornecem uma série de informações para diversas áreas de conhecimento; as imagens fotográficas sempre fornecem análises e interpretações multidisciplinares.⁵⁸

Destacamos, nesse contexto, a utilização da linguagem imagética pela ciência geográfica, pois a observação de representações geográficas como mapas, fotos, imagens de satélite, vídeos e paisagens é essencial para esta ciência. É fundamental que os sujeitos sejam capazes de ler o mundo através dos olhos, do que está representado nas linguagens visuais e neste contexto a utilização da imagem fotográfica possibilita o desenvolvimento de noções e conceitos sobre a relação homem/natureza e sobre o espaço geográfico.

A fotografia permite ao homem compreender as dinâmicas do mundo por meio da observação e assimilação com o seu dia a dia. Para Dantas e Morais “a geografia possui um conjunto de ideias e conceitos que podem ser apreendidos, dentre outras formas, através da imagem, onde as informações estão potencializadas exigindo do leitor saber olhar e encontrar os temas/conteúdos que contem”.⁵⁹ As fotografias são imagens congeladas e se apresentam como uma representação de algo existente é a “persistência do

⁵⁷ WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte. Autêntica, 2006. p. 114.

⁵⁸ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002

⁵⁹ DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *O ensino de geografia e a imagem: um universo de possibilidades*. *Anais do IX Colóquio Internacional de Geocrítica*. UFRGS, Porto Alegre, 28 de mayo - 1 de junio de 2007. p. 7.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

passado que atravessa o ritmo do presente, sendo o encontro dos tempos o campo de experimentação do geógrafo”.⁶⁰

O fascínio da análise da imagem fotográfica ocorre no momento em que construímos sentido a ela e essa construção se dá através de nossas vivências e percepções individuais. As imagens proporcionam o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo em suas análises, seja na utilização delas como objeto de estudo em pesquisas científicas ou em um simples olhar de observação em jornais e revistas, *sites* ou onde quer que elas se apresentem.

Linguagem fotográfica e o ensino de Geografia

Vivemos imersos em um mundo de imagens e devido a este fato, a alfabetização visual na contemporaneidade se apresenta como uma importante necessidade para a sociedade. A Geografia como disciplina integrante do currículo escolar, deve propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências para que os mesmos interpretem as linguagens visuais cotidianamente veiculadas pelas mídias. É válido destacarmos, que a linguagem fotográfica potencializa o processo de ensino aprendizagem dos alunos, pois, possibilita o desenvolvimento de habilidades próprias do processo de alfabetização geográfica como: observar, descrever, representar, comparar e analisar conceitos e fatos de forma fundamentada e crítica da realidade em estudo.

Tendo-se notado a crescente necessidade de os alunos decodificarem a linguagem imagética, principalmente presente na mídia que são veiculadas com grande velocidade e que são facilmente acessadas e reproduzidas, percebemos a importância da alfabetização visual nos ambientes de ensino, com o objetivo que os alunos desenvolvam

⁶⁰ Idem, p. 7.

habilidades de interpretação, análises e reflexões críticas destas imagens, entendendo os conteúdos das mensagens e os interesses e propósitos dos atores que as produzem, para que a partir destas atividades reflexivas, não se tornem reprodutores de interesses e de ideologias de dominação e legitimação do poder das classes dominantes.

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete,⁶¹ a leitura do mundo implica em um contínuo processo de contextualização e articulação das informações e “cabe à escola ensinar o aluno a lê-lo também, por meio de outras linguagens e saber lidar com os novos instrumentos para essa leitura”. Neste enfoque, o ensino de Geografia apresenta uma necessidade crescente de discutir caminhos que levem o aluno a compreender o mundo a sua volta, rompendo com a simples descrição de paisagens com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino.

O aluno tem que ser alfabetizado para realizar a leitura crítica das mais diversas imagens fotográficas veiculadas pelas mídias. Segundo Freire⁶² “a alfabetização pressupõe muito mais do que o ato de ler e escrever, ou no contexto da alfabetização digital, é mais do que conhecer linguagens de programação, instalar ou utilizar um sistema operacional, um aplicativo, corresponder-se eletronicamente ou navegar na rede”, ou seja, o aluno tem que ser alfabetizado nas diferentes linguagens e não apenas na verbal, ele deve estar apto para ler e interpretar tanto linguagens verbais como as visuais.

O professor de Geografia deve ter como prática constante desenvolver nos alunos as habilidades críticas, tornando possível que as aulas possam ser trabalhadas de forma dialogada e interativa, caracterizada por uma constante troca de experiências. Ao professor cabe o papel de seguir os conteúdos indicados pelos referenciais curriculares, mas ele é livre na escolha de quais práticas pedagógicas irá adotar para potencializar o processo de alfabetização geográfica de seus alunos. Cabe a ele

⁶¹ PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. *Para ensinar e aprender Geografia*. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

⁶² FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. p.26.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

possibilitar que os limites da escola possam ser extrapolados e que os alunos se tornem capazes de adquirir uma postura crítica em relação às diversas temáticas estudadas.

Num momento de grande disseminação dos meios de comunicação, acreditamos que as imagens fotográficas que são veiculadas pelas mídias eletrônicas e que geralmente aparecem acompanhando textos verbais ou substituindo-os, “são capazes de veicular conceitos, gerar reflexão e didatizar o conhecimento”.⁶³ Podem também, construir estereótipos preconceituosos acerca de determinadas comunidades, como sobre as áreas de fronteira, sobre o povo indígena, povo paraguaio e entre outros. De acordo com Kossoy, os vários equívocos nas interpretações das imagens são em grande parte, devido à desinformação conceitual sobre as interpretações das fotografias, resultantes do desconhecimento e despreparo para a utilização das representações fotográficas, o emprego das imagens fotográficas do passado ou do presente são vistas apenas como “ilustração” dos textos escritos.

Frente a este cenário, acreditamos que as utilizações da fotografia podem potencializar a construção do conhecimento, principalmente quando utilizada dentro da sala de aula, possibilitam o desenvolvimento de habilidade e competências no processo de ensino aprendizagem dos alunos. O professor pode utilizar-se das fotografias contidas nos livros didáticos ou presentes em notícias de jornais, revistas ou nas mídias eletrônicas, buscando desenvolver habilidades críticas de análise e observação dos alunos. Para Silva⁶⁴ quando uma fotografia é bem trabalhada, ela proporciona ao aluno refletir sobre as suas atitudes e sobre a realidade em que ele vive e ainda, para o referido autor ela possibilita “o interesse em estar

⁶³ MARTINS, Elaine Rosa. *A imagem no livro didático: um estudo sobre a didatização da imagem visual*. 2002. 145p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. p. 137.

⁶⁴ SILVA, Renata M. *O uso da fotografia no ensino da Geografia*. Londrina, 2005. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia). Universidade Estadual de Londrina.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

descobrir e entendendo mais profundamente a imagem fotográfica, observando e conseqüentemente tomar posturas e atitudes diferentes".⁶⁵ Nesse sentido, percebemos que o trabalho com a linguagem fotográfica em sala de aula instiga os alunos em continuarem aprendendo, tomando postura crítica na análise das fotografias relacionadas com a realidade de sua vivência.

Ao valorizar as competências dos alunos o educador permite que o ambiente de ensino vá além das aulas tradicionais do repasse de conteúdos e de memorizações, os alunos devem desenvolver capacidades de observar, analisar e entender as mudanças que ocorrem a sua volta através da relação do homem com a natureza.

Considerações Finais

Estando diante de uma era caracterizada pela cultural visual e pelo domínio que as imagens provocam na contemporaneidade, estamos sujeitos a sermos manipulados pelas imagens; isto porque, não estamos preparados para entendê-las no seu sentido e significado. Nesse sentido, acabamos por reproduzir concepções homogêneas, pois somos influenciados a pensar como a maioria. E este é grande desafio que a sociedade contemporânea tem à sua frente, o de ser alfabetizado e letrado visualmente nas diversas linguagens visuais.

As imagens nas aprendizagens geográficas abrem possibilidades de como pensar e analisar tudo o que nos rodeia. Concordamos com Carvalho⁶⁶ a respeito do fato de que é inegável a presença das imagens nos mais diversos discursos e práticas culturais contemporâneas. Frente a esta realidade, os diversos processos educativos não podem dar as costas para esse fato, pois é principalmente nestes campos da sociedade que se deve dar uma atenção especial para esta linguagem, inserindo e desenvolvendo estratégias de ensino que colaborem para a compreensão delas, ampliando

⁶⁵ Idem, p. 79.

⁶⁶ CARVALHO, Alexandre Filordi de. *Educação e imagens na sociedade do espetáculo: as pedagogias culturais em questão*. Educ. Real. vol.38 n.2, Porto Alegre Apr./June, 2013.

A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica

| Ana Gláucia Seccatto

| Flaviana Gasparotti Nunes

nosso olhar e expandindo a nossa capacidade de entender as mensagens visuais.⁶⁷

A educação nas suas diversas estratégias não pode mais ignorar este aspecto que perpassa essas culturas; “há uma semiótica infográfica ou pós-infográfica que insiste em comunicar direta ou indiretamente uma série de conteúdos simbólicos e representacionais aos sujeitos históricos e sociais”.⁶⁸ Assim, partindo do entendimento de que as imagens fotográficas carregam consigo conteúdos que são adquiridos através do desenvolvimento de habilidades de observação e diante do fato de que estamos vivendo uma intensa era visual, torna-se visível a latente necessidade da leitura visual para a compreensão do mundo atual. Utilizar-se da linguagem imagética para o processo de conhecimento do mundo, é articular e estabelecer relações entre o que se vê com o que se vive e assim, produzir sentido no que se observa e analisa.

Para não receber as imagens como meras ilustrações de textos verbais, devemos explorar o seu potencial comunicativo, pois em muitos casos retiramos mais informações observando a linguagem imagética do que lendo o texto verbal que a acompanha. Neste sentido, a fotografia possibilita a inserção do homem no mundo das visibilidades e o desenvolvimento de habilidades de percepções, observações e reflexões, levando-o ao atribuir e produzir sentidos nas imagens.

É válido ressaltarmos que, diante da constatação da marcante presença que as imagens possuem na sociedade contemporânea, percebemos a necessidade de os indivíduos serem alfabetizados visualmente para desenvolverem habilidades de interpretação e compreensão das mensagens presentes nelas e também, reflexões sobre as

⁶⁷ DONDIS, Dondis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁶⁸ CARVALHO, Alexandre Filordi de. *Educação e imagens na sociedade do espetáculo: as pedagogias culturais em questão*. Educ. Real. vol.38 n.2, Porto Alegre Apr./June, 2013, p. 598.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

potencialidades de construção de conhecimento presentes na linguagem fotográfica.

Nesse contexto, salientamos que ao se trabalhar com as fotografias dentro da sala de aula o professor pode trilhar caminhos em busca de desconstruir pré-conceitos criados no imaginário de seus alunos, levando-os a um exercício de reflexão e análise crítica sobre as temáticas em estudo. As fotografias são repletas de elementos geográficos que podem ser explorados por meio da leitura de imagens, possibilitando um leque de possibilidades a serem trabalhadas, a análise delas estimulam a comunicação e a criatividade propiciando o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

Diante do exposto, os indivíduos como integrantes ativos no mundo precisam desenvolver habilidades para o olhar, para o exercício de observação, um leitor visual preparado para ser um cidadão crítico e participante ativamente de nossa sociedade deve ser capaz de construir conhecimentos a partir das informações presentes nas imagens e assim, ao articular e integrar essas informações com seu conhecimento prévio ele irá construir seus conhecimentos e utilizá-los de modo criativo e reflexivo. Ressaltamos que para ser um indivíduo alfabetizado e capaz de entender as dinâmicas no espaço a sua volta, os indivíduos precisam saber ler e compreender além da linguagem verbal, as diversas linguagens imagéticas que compõem a sociedade contemporânea.

Recebido em 30.07.2015
Aprovado em 24.08.2015